



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E AGRÁRIAS – CCHA
DEPARTAMENTO DE LETRAS E HUMANIDADES – DLH

**FANTINE: PROTÓTIPO DE MULHER NA SOCIEDADE FRANCESA DO SÉCULO
XIX**

Cássio Rodrigo Vieira Lira

Catolé do Rocha-PB

2014

Cássio Rodrigo Vieira Lira

**FANTINE: PROTÓTIPO DE MULHER NA SOCIEDADE FRANCESA DO SÉCULO
XIX**

Artigo orientado de conclusão de curso, apresentado ao Departamento de Letras e Humanidades da Universidade Estadual da Paraíba, como um dos requisitos para a obtenção do grau de Licenciatura Plena em Letras.

Orientador: Prof. M.Sc. Rômulo Cesar de Araújo Lima

Catolé do Rocha-PB

2014

L768f Lira, Cássio Rodrigo Vieira.

Fantine [manuscrito] : protótipo de mulher na sociedade francesa do século XIX / Cássio Rodrigo Vieira Lira. - 2014.

15 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e Agrárias, 2014.

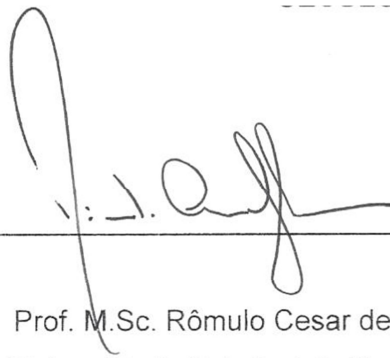
"Orientação: Prof. Msc. Rômulo Cesar de Araújo Lima, Departamento de Letras e Humanidades".

1. Mulher. 2. Sociedade. 3. Denúncia. I. Título.

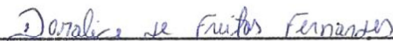
21. ed. CDD 305.4

Cássio Rodrigo Vieira Lira

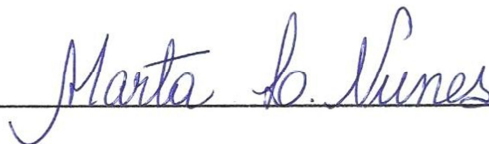
**FANTINE: PROTÓTIPO DE MULHER NA SOCIEDADE FRANCESA DO SÉCULO
XIX**



Prof. M.Sc. Rômulo Cesar de Araújo Lima (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba – UEPB / campus IV



Profa. M.Sc. Doralice Freitas Fernandes (examinadora)
Universidade Estadual da Paraíba – UEPB / campus IV



Profa. M.Sc. Marta Lúcia Nunes (examinadora)
Universidade Estadual da Paraíba – UEPB / campus IV

Catolé do Rocha-PB

24/02/2014

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo fazer a análise da obra literária em prosa “Os Miseráveis” do autor francês Victor Hugo, através de uma metodologia interpretativa que une texto e contexto, em que o social desempenha um papel determinado na constituição da obra literária, não sendo apenas causa ou significado, mas como elemento que serve como forma de orientação ao autor para a construção da obra literária, tornando-se, portanto, interno. Isso pode ser percebido pela posterior leitura da obra em prosa, onde a realidade que obriga uma mulher a renegar seu passado e depois se prostituir para sobreviver são marcantes, como forma de denúncia de uma sociedade que mesmo estando em um profundo processo de mudança ainda mantém e perpetua certos preconceitos contra as mulheres. Contando ainda com a leitura de autores dos campos da sociologia, história, crítica literária entre outros, que são eles: Bakhtin, Candido, Hobsbawn, Perrot, Kolantai, Beaud, Volvelle e Ribeiro.

PLAVRAS-CHAVE: Mulher. Sociedade. Denúncia.

ABSTRACT

The present work aims to make the analysis of literary prose work "Os Miseráveis" by the French author Victor Hugo, through an interpretative methodology that combines text and context in which social plays in the constitution of a particular literary work role not with just cause or meaning, but as an element that serves as a form of guidance to the author for the construction of the literary work, becoming therefore internal. This can be seen by reading the later prose work, where reality that forces a woman to deny her past and then prostitute themselves to survive are striking, as a way of withdrawal of a society that despite being in a profound process of change still keeps and perpetuates certain prejudices against women. Still relying on reading authors from the fields of sociology, history, literary criticism, among others, are: Bakhtin, Candido, Hobsbawm, Perrot, Kolantai, Beaud, Volvelle and Ribeiro.

KEY - WORDS: Woman. Society. Denunciation.

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO.....	05
1	A MULHER NA SOCIEDADE FRANCESA DO SÉCULO XIX.....	06
2	A MULHER E SUA PARTICIPAÇÃO NA CONSTRUÇÃO DA REPÚBLICA FRANCESA.....	07
	2.1 UMA REPÚBLICA DE HOMENS.....	08
3	FORMAS DE EXPLORAÇÃO DO TRABALHO FEMININO NO SÉCULO XIX.....	09
4	A MULHER RETRATADA NA OBRA “OS MISERÁVEIS”	11
	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	14
	REFERÊNCIAS.....	15

INTRODUÇÃO

O século XIX foi marcante na história mundial por revoltas e revoluções que mudariam para sempre a organização política e social do mundo, com a ascensão da burguesia e o fim dos governos monárquicos e da nobreza, especialmente na França. Sobre esse tema são interessantes as considerações de Michel Beaud que comenta:

A reflexão sobre o contrato social, sobre os regimes políticos, sobre a democracia, vai dar à burguesia as formas institucionais e as justificativas dos tipos de governo que ela controlara: ela poderá, doravante, dispensar um rei. (BEAUD, 2004, p.123).

Este foi o período em que nasceu um dos grandes gênios das letras e da escola literária denominada na França por Romantismo, Victor Hugo (1802-1885), suas obras levaram o seu nome a posteridade e o tornaram um dos escritores mais lidos na Europa, a sua primeira grande obra literária em prosa foi “O Corcunda de NotreDame”, publicado em 1831, mas nem se compara ao sucesso alcançado por um dos maiores romances de todos os tempos “Os Miseráveis”, em que a denúncia da realidade da sociedade francesa do século XIX no que diz respeito a miséria, e ao preconceito sofrido pelo ex-presidiário “Jean Valjéan” e a prostituta “Fantine” são marcantes, demonstrando como uma grande maioria da sociedade da época tratavam essas pessoas que estavam a margem da sociedade.

O presente trabalho faz a leitura do livro “Os Miseráveis”, tendo como enfoque a personagem “Fantine”, e o preconceito do qual é vítima; partindo da contextualização da mulher na sociedade francesa do século XIX, qual a sua verdadeira participação nos movimentos políticos, sociais e econômicos que marcaram esse período, e o papel desempenhado pela mulher no novo sistema econômico em ascensão o capitalismo.

O nosso trabalho caracteriza-se por uma pesquisa bibliográfica, pois parte da análise da obra literária “Os Miseráveis”, procurando refletir sobre a forma como a sociedade francesa do século XIX tratava às mulheres que cometiam faltas consideradas inaceitáveis naquela época, como o simples fato de ser mãe solteira.

Contando com a leitura de demais livros de autores dos campos da sociologia, história, crítica literária, entre outros.

1 A MULHER NA SOCIEDADE FRANCESA DO SÉCULO XIX

O contexto revolucionário de mudanças da sociedade francesa no século XIX que findara com uma monarquia de mais de 1.000 anos, e que continua a lutar para instaurar um governo republicano, tendo como um dos modelos as 13 colônias da América do Norte e que vive uma realidade de miséria e grandes desigualdades sociais; tendo ainda acontecido no período a ascensão do capitalismo, sistema econômico desenvolvido a partir do século XVI no ocidente, em que os meios de produção e de distribuição são de propriedade privada e com fins lucrativos.

A mulher na sociedade francesa do século XIX é idealizada nos moldes de uma sociedade machista e patriarcal sem ter os mesmos direitos que os homens, a instrução, ao voto e a expressar as suas idéias e opiniões. E o próprio autor Victor Hugo reconhece esta situação em sua obra “Os miseráveis”, só que à máscara, pois isso se torna mais um pretexto para que as mulheres tenham e devam aos homens uma maior dependência.

As mulheres, as pobres das mulheres! não têm o hábito de pensar suficientemente em sua sorte, confiantes por saber que elas não receberam a mesma educação que os homens; impedem-nas de ler, impedem-nas de pensar, impedem-nas de tratar de política; [...]. (HUGO, 2002, p. 540).

A mulher tem uma educação voltada apenas para prepará-la para ser mãe, esposa e administrar uma casa, ou quando queira ou sobre pressão seguir na vida religiosa. A sua educação é restrita muito diferente da do homem que deveria ser o condutor da sociedade Francesa, ele poderia ser educado em casa por preceptores. Como foi o caso do jovem “Maríus”, personagem principal do terceiro livro da obra; ao contrário de “Cosette” sua amada, que estudara a sua infância e adolescência em um convento e aprendera o básico, a administrar uma casa: Victor Hugo (2002, p. 283). “Cosette que no convento fora educada para cuidar de uma casa.”

Sua educação estava terminada, isto é, ensinaram-lhe religião e sobre tudo devoção; depois *a história*, isto é, o que se é história no convento, gramática, geografia, os particípios, os reis da França, um pouco de música e a desenhar um nariz, etc.[...] (HUGO, 2002, p. 288).

O convento a educara não para discutir e participar das verdadeiras mudanças políticas que aconteciam na França, mas para cuidar de uma casa e ser uma boa esposa, obediente e submissa ao marido.

Perrot nos traz contribuições para que se consiga compreender melhor, em que se pautava a educação dada às jovens francesas no século XIX. Segundo a mesma:

Formá-las para seus papéis futuros de mulher, dona de casa, de esposa, de mãe. Inculcar-lhes bons hábitos de economia e de higiene; os valores morais do pudor, de obediência, polidez, renúncia, sacrifício [...] que tecem a coroa das virtudes femininas. (PERROT, 2008, p. 99).

2 A MULHER E SUA PARTICIPAÇÃO NA CONSTRUÇÃO DA REPÚBLICA FRANCESA

Depois da queda da Bastilha em 14 de julho de 1789, e Luiz XVI empreender fuga antes de aprovar a nova constituição Francesa em 20 de junho de 1791 e ser recapturado e condenado a guilhotina em 21 de janeiro de 1793, instaura-se a primeira República, sendo proclamada em 21 de setembro de 1792.

Seus membros que deveriam integrar uma Convenção Nacional eram eleitos pelo sufrágio universal, no caso o voto de todos os homens que contribuíssem com o imposto de três dias de seu trabalho para serem considerados cidadãos ativos e terem direito ao voto. Estava vetado esse direito a todas as mulheres que na França só iriam ter o direito ao voto reconhecido a partir de 1945.

Muito pouco é dito pelos próprios historiadores que dependendo do seu posicionamento não retratam de forma clara e contundente a participação feminina na construção da república francesa. Para justificar essa afirmativa faço uso de uma citação contida do livro de Michel Volvelle (2007, p. 41) em que a participação da mulher é minimizada. “Trazida de Versalhes no dia 6 de outubro de 1789, por um

cortejo de mulheres, à família real encontra-se agora em Paris, no Palácio das Tulherias”.

Não foi apenas um cortejo de mulheres, mas 7.000 mulheres que saíram de Paris e foram até Versalhes, tendo escolhido como líder o herói de guerra Maillard, elas percorreram cerca de 14 quilômetros a pé, no rigoroso inverno Francês. E resolveram um entrave em que se encontrava a constituição de seu país pois sem um rei para ratificar a mesma não teria valor.

2.1 UMA REPÚBLICA DE HOMENS

O quarto livro da obra “Os miseráveis” é marcado pela barricada da rua de “La Chanverier” em que os jovens revolucionários: “Enjolras, Combeferre, Courfeyrac, Lesgle, Bahorel, Jean Prouvaire, Grantaire, Feuilly e Joly” sendo estes apresentados na obra como remanescentes da primeira Revolução Francesa que culminara com o fim do regime do monarca Luís XVI, estes lutaram até a morte com as tropas francesas pelo ideal de uma república, uma república de homens que é inspirada na virtude e no ideal de que os seus protetores e defensores sejam homens, e que procura dissociar a mulher de participar e ter plenos direitos na mesma.

Esse é o mesmo modelo de República que é instaurada na França no período que se estende de sua promulgação, em setembro de 1792, até a queda do imperador Napoleão Bonaparte em 1815, após a sua derrota na batalha de Waterloo, pelas tropas Inglesas e Prussianas, comandadas por Wellington e Blücher.

O primeiro modelo de governo constitucional que os franceses têm como fonte de inspiração e que está funcionando na Europa, é a monarquia constitucional Inglesa que no período da Revolução Francesa estava passando todos os direitos e poderes políticos executivos ao primeiro ministro. Após a independência das treze colônias Inglesas da Costa Leste da América do Norte, futuro Estados Unidos, na qual os franceses haviam contribuído financeiramente para a sua independência será bem visto por eles como um modelo de governo republicano. Só que ao mesmo tempo eles tentaram impor como modelo de república a Romana, que perdurou até o século VIII d. C., período em que ocorreram as invasões bárbaras no território

Romano, culminando com o fim deste modelo de sociedade. Ribeiro (2005, p. 14) comenta sobre a república escolhida e influenciada pelo modelo Romano de sociedade. “A república Romana que os Revolucionários franceses evocam, porque ao seu tempo é a grande história de sucesso, é viril. É máscula. É de homens.”

Uma república masculina, em que o chefe de família ou pai de família, não no sentido biológico do termo “pater família” é quem comanda e toma todas as decisões referentes às mulheres a ele subordinadas, e demais familiares, desde a profissão que os filhos queiram seguir, até a escolha de um cônjuge por estes. Ribeiro (2005, p. 45) complementa que: “O pater manda na casa. Costuma-se dizer que a lei Romana lhe conferia direito de punir e até matar as mulheres a ele subordinadas, mesmo a mãe, a esposa, as irmãs.”

Elas eram tratadas dessa forma não porque estas valessem menos que ele, mas porque as mulheres nesse modelo de sociedade não eram nem ao menos consideradas cidadãs, com direitos reconhecidos.

3 FORMAS DE EXPLORAÇÃO DO TRABALHO FEMININO NO SÉCULO XIX

Em um período de crises na produção devido a irregularidades climáticas, a formação da classe burguesa uma nova elite que não mais por simples privilégios, títulos de nobreza e direitos feudais terá o domínio na sociedade Francesa do século XIX, mas que através do capital exercerá esse domínio.

As mulheres juntamente com os homens, passaram a integrar um novo contingente de trabalhadores assalariados. Só que ao contrário dos homens, elas exercendo essas atividades fora do lar enquanto fossem solteiras, ou após terem casado e o marido não ganhasse o suficiente ou estivesse doente, impossibilitado de trabalhar, mas as mesmas trabalhariam apenas em quanto se perdura esta situação. Elas ganhavam bem menos e sofriam preconceito por parte dos homens que viam no baixo salário das mesmas, um risco ao seu padrão de vida. Trazendo ao campo da Sociologia Hobsbawm, comenta que:

Na medida em que ela trabalhava por salários antes do casamento, considerava o trabalho assalariado como uma fase

temporária, embora sem dúvida desejável, em sua vida. Uma vez casada pertencia ao proletariado, não como trabalhadora, mas como esposa, mãe e dona de casa de trabalhadores. (HOBBSAWN, 2000, p. 136).

No transcorrer dos cinco livros da obra “Os miseráveis”, a única personagem que devido a seu contexto de abandono e exclusão, exerce uma atividade assalariada é “Fantine”, com um salário inferior ao dos outros empregados, ela tem de criar uma filha sozinha; com o passar do tempo e o aumento de suas necessidades, ela se vê forçada a se prostituir para sobreviver e cuidar de “Cosette”.

“Fantine” caso não tivesse sido abandonada pelo seu amante “Félix Tholomyés”, pai de sua filha “Cosette” e vivenciado uma situação de extrema pobreza, a sua realidade poderia ter sido outra, pois segundo Hobsbawm, diz que:

A industrialização no século XIX (em oposição a industrialização do século XX) tendeu a fazer do casamento e da família a carreira principal da mulher da classe trabalhadoras que não fosse forçada pelo total de pobreza a assumir outra atividade. (HOBBSAWN, 2000, p. 137).

4 A MULHER RETRATADA NA OBRA “OS MISERÁVEIS”

O presente trabalho tem por objetivo analisar o romance “Os miseráveis” do autor francês Victor Hugo tendo por base o que é discutido por Antonio Candido sobre o meio social, e o papel que o mesmo desempenha na estrutura da obra literária.

[...] que o externo (no caso, o social), importa não como causa nem como significado, mas como elemento que desempenha um certo papel da constituição de uma estrutura, tornando-se, portanto, interno. (CANDIDO, 2010, p.14).

Essa questão aparece no romance “Os miseráveis” no qual há uma denúncia da realidade social que obriga a mulher a se prostituir para sobreviver. Em uma época em que os ideais de Liberdade, Igualdade e Fraternidade impulsionados pela Primeira Revolução Francesa estão presentes, mas que em relação a alguns costumes e preconceitos não conseguiram prevalecer sobre os mesmos.

Sendo assim, o nosso trabalho consiste em demonstrar no romance “Os miseráveis”, a realidade da sociedade francesa do século XIX no processo de elaboração da obra literária, em uma sociedade em profundas mudanças políticas, econômicas e sociais, mas que em relação à mulher ainda mantém um certo preconceito quanto a sua educação e participação na economia, pois diferentemente do homem, a mulher não tem os mesmos direitos e privilégios.

A personagem só é apresentada ao leitor no terceiro capítulo do primeiro livro da obra “Os miseráveis”, que leva o seu nome livro I “Fantine”, ela está na companhia de três amigas e de seus respectivos amantes, que são: “Felix Tholomyés, Blachevele, Fameiul e Listolier”. Sendo que as três amigas de “Fantine” já são experientes em relação ao amor, elas já tiveram outros amantes e não são mais virgens como “Fantine” que vive seu primeiro amor com “Felix Tholomyés” e se entrega ao mesmo.

Favourite, Dahlia, Zéphine e Fantine eram quatro moças encantadoras, radiantes e perfumadas, ainda um tanto operárias, não tendo deixado de todo as agulhas, um pouco prejudicadas por namoricos inconstantes, mais tendo ainda nas faces um resto da serenidade do trabalho e na alma essa flor da honestidade, que na mulher, sobrevive à primeira falta. (HUGO, 2002, p. 130).

As quatro amigas são simples costureiras que se revezam entre o seu ofício e seus amantes, o que torna cada uma interessante ao seu companheiro é a beleza, a futilidade, a obediência e o falso amor que é demonstrado por elas.

O que arrasta Dahlia Listolier, aos outros talvez à ociosidade, enfim, era possuir unhas tão lindas. Como trabalhar sem estragá-las? Quem quer conserva-se virtuosa não pode ter dó das próprias mãos. Quanto a Zéphine, conquistara Fameuil com sua maneira viva e acariciante de dizer: - Pois não, senhor. (HUGO, 2002, p. 131).

O narrador chama a atenção do leitor para o fato de “Fantine” ser a única entre as quatro, a ser chamada de você por um único homem, parece que o uso descompromissado e afetivo de uma mulher deixar que um homem que não seja seu marido ou parente tratar a mesma simplesmente de você revela um comportamento de certa forma repudiado no século XIX.

Após uma brusca separação “Fantine” pobre, semi-analfabeta, órfã e agora tendo como companhia apenas a sua filha “Cosette”, já que seu amante “Felix

Tholomyés” a abandonara, é obrigada pela miséria e o preconceito a deixar sua filha sobre o cuidado de terceiro e voltar para sua terra natal “Montreuil-sur-Mer”.

“Fantine” assim que chega a “Montreuil-sur-mer” é empregada numa das fábricas de “Madeleine” (nome falso de “Jean Voljean”). Havia nessa fábrica uma divisão entre homens e mulheres que eram mantidos em locais separados.

Madeleine pedia aos homens de boa vontade e às mulheres de bons costumes e a todos, probidade. Dividiu as oficinas, para separar os sexos, conservando a integridade moral das mulheres e das mocinhas. (HUGO, 2002, p. 163).

Assim que descobriram na fábrica o segredo escondido por “Fantine”, de que a mesma era mãe solteira, expulsaram a mesma da fábrica.

Não sentiu forças para dizer uma palavra. Aconselharam-na a se avistar com o *Maire*, mas não teve coragem. O *Maire* dava-lhe cinquenta francos, porque era bom, e a expulsava porque era justo. Submeteu-se, pois, à sentença. (HUGO, 2002, p.179).

Agora que seu segredo é conhecido de todos, pelo simples fato de ser mãe solteira, ela é vítima de vários preconceitos, demonstrando o que a sociedade tinha reservado as mulheres que tivessem filhos fora do casamento ou bastardos.

Quando andava pelas ruas, percebia claramente que todos se voltavam para vê-la, apontando-a com o dedo. Todos a olhavam, mas ninguém a cumprimentava; o desprezo amargo e frio dos transeuntes penetrava-lhe a carne como uma rajada de vento gelado. (HUGO, 2002, p.180).

A sociedade francesa do século XIX e o preconceito com que tratava às mulheres que cometiam faltas consideradas inaceitáveis naquela época são retratados na obra “Os Miseráveis”, onde a denuncia de uma realidade que obriga uma mulher a se prostituir para sobreviver e que é vítima de vários preconceitos apenas pelo simples fato de ser mãe solteira, é algo chocante e que hoje se tornou incompreensível. Sobre esse tema são importantes as considerações de Kolantai (2011, p. 29):

Pouco importava a sociedade que a alma e o coração de uma mulher que se equivocava se destrocem no fragor das decepções. Não a

ajudar, mas, ao contrario a perseguira com fúria vingativa para inexoravelmente condená-la.

“Fantine” se adapta a sua nova condição, só que ela assimila o preconceito como sendo algo normal, que faz parte da sua realidade a partir de então.

[...]. Era preciso acostumar-se à indiferença geral, como se havia acostumado com à pobreza. Aos poucos foi tomando coragem. Passados dois ou três meses, pôs de lado a vergonha e começou a sair como se nada houvesse acontecido. - Que me importa - dizia “Fantine”. Ia e vinha de cabeça erguida, sorrindo amargamente, sentindo-se quase uma descarada. (HUGO, 2002, p.181).

Com o passar do tempo e o aumento de suas necessidades, “Fantine” para sobreviver e cuidar de “Cosette”, se vê forçada a se prostituir, se antes ela estava à margem da sociedade agora ela não passa de uma desclassificada. Depois de se envolver em uma briga de rua com burguês ela será presa pelo inspetor de policia “Javert” e caso não houvesse ocorrido à intervenção em seu favor do “*Maire Madeleine*” ela teria sido condenada a seis meses de prisão, e teria morrido na cadeia, devido a um problema de saúde que afligia a mesma desde que sua filha “Cosette” era bebê e foi agravado após briga a com o burguês “Bamatabois”.

A sua passividade e fragilidade diante dos problemas que se apresentam a sua incapacidade de solucionar os mesmos, o preconceito do qual é vitima e a forma como toda a sua vida é conduzida até sua morte, são características de uma personagem romântica sentimental sobre esse tema Bakhtin diz que:

As desventuras da personagem já não são destino, mas simplesmente criadas e a ela causada por pessoas más, a personagem é passiva, apenas passa pela vida, não consegue nem morrer os outros é que a destroem. (BAKHTIN, 2010, p.66).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O nosso trabalho teve como objetivo, relacionar a mulher na sociedade francesa do século XIX com a concepção da personagem “Fantine”, em uma sociedade que vivenciava profundas mudanças sociais, políticas e econômicas mas que em relação a educação e aos direitos femininos ainda necessita se aperfeiçoar.

Isso pode ser percebido pela leitura da obra “Os Miseráveis”, em que muitos preconceitos vivenciados pela personagem acima citada, são retratados como sendo efeitos do seu comportamento e de suas escolhas, de certa forma seus males são causados por ela mesma, através de seus erros.

A personagem necessita de um homem para cuidar dela e de sua filha, pois ao longo de toda a obra ela se mostra incapaz de construir uma família com a filha e de viver dignamente sem o auxílio de um homem. Isso reforça uma lógica machista perpetuada durante todo o século XIX, quanto ao chefe de família que teria de ser um homem e que a mulher nesse novo sistema econômico em ascensão, o capitalismo, só trabalharia por necessidade ou enquanto a mesma fosse solteira, pois o dever de suprir todas as necessidades da casa caberia ao arrimo da família, no caso ao homem.

O fim chocante da curta vida de “Fantine”, a sua incapacidade de vencer os problemas e o preconceito que a ela se apresentam são extremamente explorados pelo autor, que choca o seu leitor e denuncia uma realidade hostil para a mulher pobre e abandonada na sociedade Francesa do século XIX.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. **Estética da Criação Verbal**. 5. ed. São Paulo: W M F Martins Fontes, 2010.

BEAUD, Michel. **Historia do Capitalismo**: de 1.500 aos nossos dias. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 2004.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**: Estudos de Teoria e História Literária. 11. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2010.

HOBSBAWN, Eric. **Mundos do Trabalho**. 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

HUGO, Victor. **Os Miseráveis**. São Paulo: Cosacnaify, 2002.

KOLANTAI, Alexandra. **A nova mulher e a moral sexual**. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

RIBEIRO, Renato Janine. **A República**. São Paulo: Publifolha, 2005.

VOLVELLE, Michel. **A revolução Francesa explicada à minha neta.** São Paulo: UNESP, 2007.